

II INTERNATIONAL MEETING OF ISSOW

Work, Professions and Organizations: Tensions, Paths and Public Policies

24-25 November 2016 :: Caparica, Portugal - Faculty of Sciences and Technology (FCT NOVA)

Theme 7): Gender Relations

Diferenças de género nos percursos estudantis e de inserção profissional de licenciados, mestres e doutores

Mariana Gaio Alves

mga@fct.unl.pt

UIED e DCSA, FCT/UNL

Resumo

A variável género revela-se muito pertinente na análise das transições entre educação e trabalho/emprego que subjazem aos processos de inserção profissional. Por um lado, no decorrer da expansão dos sistemas educativos assistiu-se a uma inversão das assimetrias entre os grupos feminino e masculino: de uma situação minoritária entre os estudantes em geral, nomeadamente no ensino superior, o sexo feminino passou a estar sobre representado nos grupos de alunos que têm melhores resultados escolares, os quais em maior número prolongam os seus percursos até aos níveis de escolaridade superiores. Por outro lado, no plano do trabalho/emprego observa-se desde há muitas décadas que as diferenciações entre mulheres e homens são marcantes, significando que o grupo feminino é mais frequentemente protagonista de situações e posições profissionais menos favorecidas por comparação com o grupo masculino.

Neste contexto, este texto visa contribuir para aprofundar a análise da forma como, na atualidade, a variável género configura diferenciações nos percursos estudantis e profissionais de licenciados, mestres e doutores. Para tal mobilizam-se resultados de pesquisas sobre inserção profissional de diplomados, bem como dados nacionais e internacionais sobre esta população e ainda resultados que vêm sendo obtidos no OBIPNova (Observatório de Inserção Profissional de Diplomados da Universidade Nova de Lisboa) desde 2010. Pretende-se retratar os efeitos da feminização da população estudantil do ensino superior (da licenciatura ao doutoramento) na respectiva inserção profissional, identificando eventuais especificidades do caso português no contexto europeu e ainda possíveis diferenças entre os percursos de licenciados, mestres e doutores.

Palavras chave: Género; Ensino Superior; Inserção Profissional

Introdução

Em 16 de Outubro de 2016 foi publicado um texto no jornal Diário de Notícias intitulado “Quando a universidade era dos rapazes”, no qual se recordava uma notícia publicada nesse mesmo jornal em 18 de Outubro de 1835. Nessa notícia datada de há cerca de 80 anos referia-se a entrada de quase 10.000 novos estudantes nesse ano no ensino superior, sendo que na época apenas existiam as universidades de Coimbra, Lisboa e Porto. Entre esses novos estudantes estariam algumas mulheres, mas em tão reduzido número que o autor da notícia não lhes faz referência, retratando o ambiente entre estudantes como exclusivamente masculino.

Ao longo dos últimos 80 anos, foram várias as mudanças que progressivamente reconfiguraram o cenário descrito em 1835 pelo jornalista do Diário de Notícias: o crescimento do número de novos alunos em cada ano (cerca de 43.000 em Outubro de 2016), a expansão e diversificação da rede de ensino superior (hoje um sistema binário composto por universidades e politécnicos que

se distribuem pelas várias regiões do território nacional) e o aumento contínuo do número de raparigas entre os estudantes.

De facto, no decorrer da expansão dos sistemas educativos assistiu-se a uma inversão das assimetrias entre os grupos feminino e masculino: de uma situação minoritária entre os estudantes em geral, nomeadamente no ensino superior, o sexo feminino passou a estar sobre representado a partir dos anos 1980 e 1990 nos grupos de alunos que têm melhores resultados escolares, os quais em maior número prolongam os seus percursos até aos níveis de escolaridade superiores.

Neste contexto, importa caracterizar os percursos estudantis de rapazes e raparigas no ensino superior, interrogando as possíveis razões explicativas da tendência de feminização da população discente do ensino superior. A este propósito, é relevante considerar as (des)articulações entre diplomas de ensino superior e situações de inserção profissional, uma vez que a obtenção crescente de diplomas escolares cada vez mais elevados por parte das mulheres é, por vezes, explicada com base na respectiva intenção de assegurar melhores condições de emprego no mercado de trabalho.

Para analisar as diferenciações sexuais nos percursos estudantis e de inserção profissional dos diplomados de ensino superior na atualidade, mobilizam-se dados estatísticos nacionais e internacionais e ainda resultados que vêm sendo obtidos no OBIPNova (Observatório de Inserção Profissional de Diplomados da Universidade Nova de Lisboa) desde 2010. Globalmente, pretende-se retratar os efeitos da feminização da população estudantil do ensino superior na respectiva inserção profissional, identificando eventuais especificidades do caso português no contexto internacional, bem como possíveis diferenças entre os percursos de licenciados, mestres e doutores.

As diferenças de género na educação e no trabalho e emprego

A reflexão sobre as razões explicativas do elevado sucesso escolar das raparigas tem sido objeto de atenção por parte dos sociólogos. Uma dessas razões remete para a caracterização da escola como um universo feminino considerando, nomeadamente, a composição feminizada do corpo docente. Neste âmbito assinala-se que as raparigas transportariam para a escola hábitos que lhes

são precocemente transmitidos em casa e muito apreciados no universo escolar, como sejam a contenção comportamental, o autodomínio, a atenção ao outro, a disciplina no trabalho e a obediência (Almeida & Vieira, 2006).

Outro conjunto de razões explicativas salienta a forma como, nos quotidianos e projetos de vida de homens e mulheres, se entrelaçam de modos diferenciados as dimensões escolar, profissional e familiar. Nesta perspectiva, o elevado sucesso escolar das raparigas e a sua progressão escolar podem ser associados a novos modelos de referência sobre os papéis sociais de homens e mulheres na família e no trabalho. Assim, o maior sucesso das raparigas pode ser entendido como o resultado de uma estratégia, mais ou menos consciente, de acumulação de credenciais escolares que lhes permitam assegurar melhores condições de inserção profissional num mercado de trabalho que continua a ser discriminatório para elas.

Noutros termos, a variável género assume significativa pertinência na análise das (des)articulações entre educação e trabalho/emprego, em especial se recordarmos que se observou, ao longo do século XX, uma inversão das tendências de diferenciação dos percursos escolares de rapazes e raparigas que não significou uma alteração dos respectivos posicionamentos no mercado de trabalho.

Com efeito, diversas pesquisas realizadas em vários países e em universidades ou politécnicos têm vindo a revelar o modo como a feminização do ensino superior coexiste com dificuldades mais expressivas de inserção profissional das mulheres face aos homens. No início do século XXI em Portugal, dados nacionais e uma pesquisa localizada numa instituição universitária específica evidenciavam a tendência para as mulheres ocuparem situações mais desvantajosas no mercado de trabalho, ou seja, tipicamente auferiam salários mais baixos, tinham vínculos contratuais mais precários e experienciavam mais frequentemente períodos de desemprego (Alves, 2004).

Este retrato não é, em traços gerais, muito distinto do que sobressai dos resultados de uma pesquisa recentemente realizada na Finlândia. Nesta pesquisa conclui-se que, ainda que esse país seja conhecido pela valorização da igualdade entre sexos, verifica-se a tendência para os homens se inserirem profissionalmente em posições mais estáveis e mais frequentemente ajustadas à sua formação académica e para ocuparem em maior número posições de chefia nas organizações de

trabalho (Vuori-Lampila, 2014). Aliás, num estudo comparativo da inserção profissional de mestres que terminaram os seus cursos em duas universidades (uma portuguesa e outra finlandesa), existem indícios de que as desvantagens do grupo feminino poderão ser até mais evidentes no caso finlandês quando confrontadas com a situação portuguesa (Alves & Korhonen, 2016). Não obstante, de acordo com a mesma pesquisa, é comum aos dois países a tendência para as mulheres protagonizarem em maior número transições “incertas” entre educação e trabalho, enquanto os homens vivenciam sobretudo transições “suaves”.

Refletindo sobre razões explicativas para as situações menos favorecidas experienciadas pelas mulheres no mercado de trabalho, importa considerar as dificuldades de conciliação entre emprego e vida familiar que poderão ser mais decisivas nos quotidianos e projetos de vida do grupo feminino. De facto, por um lado a pesquisa finlandesa já mencionada indica que a constituição de família tem efeitos negativos do ponto de vista da qualidade da inserção profissional para as mulheres, mas não necessariamente para os homens (Vuori-Lampila, 2014). Por outro lado, note-se que a análise longitudinal das trajetórias de inserção profissional dos diplomados em Portugal, durante cinco anos após a obtenção da licenciatura, sugeriam que as assimetrias entre mulheres e homens tendiam a acentuar-se ao longo do tempo, agravando-se as desvantagens do grupo feminino (Alves, 2004).

Um outro conjunto de razões explicativas pode ser associado a um aspecto que a investigação tem evidenciado: a opção de trabalhar enquanto se estuda é cada vez mais habitual nos vários países reunindo-se indícios de que tal facilita a inserção profissional após a obtenção do diploma (Planas-Coll & Enciso-Ávila, 2014; Alves & Korhonen, 2016). Ora, as mesmas pesquisas assinalam que existem tendencialmente mais homens do que mulheres a acumular experiência profissional durante a frequência do ensino superior enquanto estudantes, o que sustenta a pertinência de explorar esta hipótese explicativa em futuras investigações. Noutros termos, importa interrogar em que medida as desvantagens das mulheres no plano da inserção profissional se articulam com as respectivas opções no decorrer dos percursos escolares, designadamente no que se refere à conciliação entre trabalho e estudo.

Tendo em conta este conjunto de indícios sobre a diferenciação sexual dos percursos estudantis e de inserção profissional, procura-se em seguida analisar e sistematizar dados estatísticos

extensivos que permitam caracterizar com exatidão as tendências que se vêm desenvolvendo desde o ano 2000, identificando eventuais especificidades do caso português no contexto internacional.

A feminização do ensino superior

A feminização da população estudantil do ensino superior é uma tendência que se foi acentuando ao longo da segunda metade do século XX nos planos nacional e internacional. A análise dos dados relativos a Portugal indiciam que, no século XXI, as mulheres se têm mantido sempre em maior número quer entre os estudantes quer entre os diplomados de ensino superior (ver quadro 1). É também notório que a maioria feminina parece ser particularmente expressiva entre os diplomados, o que sugere que durante a trajetória no ensino superior são mais os homens (do que as mulheres) que abandonam sem obter um diploma. Não obstante, a assimetria entre sexos nos grupos de estudantes e diplomados parece ter-se vindo a atenuar ligeiramente nos anos mais recentes, constatando-se uma maior paridade entre homens e mulheres que frequentam o ensino superior.

Quadro 1. Inscritos e diplomados em estabelecimento de ensino superior por sexo (2000/01 – 2014/15)

Ano	2000/01		2004/05		2009/10		2014/15	
	Inscritos	Diplomados	Inscritos	Diplomados	Inscritos	Diplomados	Inscritos	Diplomados
Mulheres	57%	67%	56%	65%	53%	59%	54%	59%
Homens	43%	33%	44%	35%	47%	41%	46%	41%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	387703	61140	380937	69987	383627	81257	349658	94537

Fonte: DGEEC, ME (Direção Geral das Estatísticas de Educação e Ciência, Ministério da Educação)

Os dados recentemente divulgados no relatório “Education at a Glance” (OCDE, 2016) permitem comprovar que a feminização dos grupos de estudantes e diplomados de ensino superior é observável no plano transnacional, sendo ligeiramente mais acentuada em Portugal entre mestres e doutores do que na média da OCDE ou da UE. Aliás, no nosso país observa-se que mais de

metade dos doutorados são mulheres, o que não se verifica em média nem nos países da OCDE nem nos da UE (ver quadro 2).

Quadro 2. Percentagem de mulheres entre licenciados, mestres e doutores em 2013/14

Regiões/mulheres	Licenciados	Mestres	Doutores
OCDE	58%	57%	47%
União Europeia	60%	58%	49%
Portugal	60%	60%	54%

Fonte: OCDE, Education at a Glance 2016

Não obstante, a feminização da população estudantil do ensino superior não é igualmente expressiva nos vários domínios disciplinares. A análise da distribuição de todos os diplomados por área disciplinar de estudos revela a presença mais frequente de mulheres em cursos das áreas de educação e saúde, bem como o maior número de homens em formações de engenharia, informática, ciência e matemática (ver quadro 3). Esta diferenciação entre áreas científicas parece ser um pouco menos acentuada em Portugal, pois a presença das mulheres é ligeiramente menos expressiva em cursos da área de educação e de humanidades no nosso país, por comparação com os valores médios registados na OCDE e na UE, observando-se que no domínio das ciências existem mais mulheres diplomadas em Portugal do que é habitual nos restantes países (ver o quadro 3). Estes dados sugerem que poderá existir uma situação mais próxima da paridade, no caso português, no que respeita a escolha de áreas de estudo no ensino superior por homens e por mulheres.

Quadro 3. Número de mulheres diplomadas por cada homem diplomado por área de estudos em 2013/14

Área/Região	OCDE	UE	Portugal
Educação	4,2	4,9	3,9
Humanidades e artes	2	2,2	1,5
Ciências sociais, gestão e direito	1,5	1,7	1,6
Ciências	0,7	0,7	1,3
Engenharia, produção e construção	0,3	0,4	0,5
Agricultura	1,2	1,2	1,5
Saúde	3,7	3,8	3,8
Serviços	1,2	1,2	0,9

Fonte: OCDE, Education at a Glance 2016

A diferenciação entre feminino e masculino na inserção profissional

Para uma primeira abordagem da diferenciação sexual na inserção profissional de diplomados de ensino superior, recorreremos a indicadores relativos a taxas de atividade e de emprego, mas também a dados sobre o ajustamento entre formação e profissão e sobre o número de trabalhadores temporários. Desta forma, pretende-se caracterizar não apenas a quantidade, mas também a qualidade das dinâmicas de inserção no mercado de trabalho.

Globalmente, no plano quantitativo, importa sublinhar que as taxas de atividade dos diplomados de ensino superior têm vindo a diminuir progressivamente desde o ano 2000 na União Europeia, sendo que essa diminuição parece ter sido particularmente acentuada em Portugal (ver quadro 3). Porém, nota-se que, no nosso país, se observa que a taxa de atividade é muito ligeiramente superior entre as mulheres desde o ano de 2010.

Quadro 3. Taxas de atividade de diplomados do ensino superior (15-64 anos) por sexo em Portugal e na União Europeia

Ano	2000		2005		2010		2014		Varição
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	2000/2014
Portugal	94,2%	95,4%	93,6%	95,3%	92,2%	89,9%	89,8%	88,1%	- 6,2
UE	84,9%	92%	84,3%	91,5%	85,3%	91,3%	85%	90,8%	- 0,7

Fonte: Eurostat

Se o peso das mulheres na população com ensino superior economicamente ativa tem vindo a aumentar, importa verificar se o mesmo sucede na população empregada, quer dizer, nos indivíduos que exercem uma profissão, estão a fazer formação profissional ou mantêm um vínculo com uma entidade empregadora.

Tal como se observou na análise das taxas de atividade, regista-se uma diminuição progressiva das taxas de emprego desde o início do século XXI, particularmente acentuada em Portugal por confronto com a evolução registada na União Europeia no seu conjunto (ver quadro 4). Se no início do século XXI os valores das taxas de emprego de diplomados no nosso país eram superiores aos registados em média na União Europeia, constata-se que desde 2011 passaram a ser inferiores.

Sublinhe-se, ainda, que as taxas de emprego são, desde 2000, sempre claramente inferiores entre as mulheres, seja em Portugal seja na generalidade dos países da União Europeia. Contudo, na média da União Europeia a diferença entre mulheres e homens, no que respeita a taxas de emprego, era particularmente acentuada no início do século XXI e tem vindo a atenuar-se, enquanto em Portugal essa mesma diferença tendeu a aumentar desde o ano 2000.

Quadro 4. Taxas de emprego de diplomados do ensino superior (15-64 anos) por sexo em Portugal e na União Europeia

Ano	2000		2005		2010		2014		Variação 2000/2014
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	
Portugal	90,3%	92,6%	84,3%	87,3%	78%	84,6%	75,9%	82,8%	- 13,9
UE	77,2%	87,1%	77,7%	86%	83,6%	82,3%	76%	78,7%	- 2,5

Fonte: Eurostat

Globalmente, a consideração destes dados revela que o peso das mulheres no conjunto de população com ensino superior disponível para trabalhar tem aumentado, ultrapassando mesmo o dos homens nos anos mais recentes. Contudo, o conjunto dos empregos ocupados por diplomados de ensino superior tem vindo a diminuir desde o início do século XXI, sendo esta tendência especialmente saliente em Portugal e no caso das mulheres nos anos mais recentes. Ou seja, as mulheres continuam a vivenciar em maior número do que os homens as situações de desemprego.

No que respeita ao ajustamento entre formação académica e ocupação profissional, os dados revelam que o mesmo parece assumir valores mais elevados em Portugal, do que na União Europeia em geral, desde o ano 2000 (ver quadro 5). Os valores deste indicador parecem também ser mais elevados entre os homens do que entre as mulheres desde o ano de 2005, enquanto a informação referente ao ano 2000 evidencia que, tanto em Portugal como em média na União Europeia, o ajustamento assumia valores ligeiramente superiores entre as mulheres (ver quadro 5). Nestas condições, a inserção profissional das mulheres diplomadas nos anos mais recentes parece ser não só marcada por mais dificuldades no acesso ao emprego, como também por mais frequentemente desempenharem ocupações não ajustadas ao seu nível de escolaridade.

Quadro 5. Ocupações profissionais ajustadas à formação de nível superior entre os diplomados do ensino superior (15-64 anos) por sexo em Portugal e na União Europeia

Ano	2000		2005		2010		2015		Variação 2000/2015
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	
Portugal	90,7%	87,5%	86,4%	88,7%	84,8%	87,3%	85,1%	88,7%	-2,8
UE	77,3%	76,8%	76,9%	77,1%	77,3%	77,6%	74,8%	77,8%	-0,7

Fonte: Eurostat

Procurando caracterizar a situação no mercado de trabalho, mobilizamos dados sobre empregados temporários, sendo que estes se referem apenas aos adultos mais jovens (15-39 anos). A respectiva análise (ver quadro 6) revela que existem, quer em Portugal quer na União Europeia, mais mulheres do que homens neste tipo de empregos ao longo dos primeiros anos do século XXI. Também neste indicador se observa uma diminuição da diferença entre homens e mulheres, a qual é particularmente notória no caso português. Adicionalmente, sublinhe-se que os empregados temporários existem em maior proporção no nosso país do que na média da União Europeia, o que obriga a (re)pensar algumas afirmações correntes sobre a ausência de flexibilidade do mercado de trabalho no nosso país.

Quadro 6. Percentagem de empregos temporários entre os diplomados do ensino superior (15-39 anos) por sexo em Portugal e na União Europeia

Ano	2000		2005		2010		2015		Variação 2000/2015
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	
Portugal	32,5%	22,4%	31,4%	22,9%	37,1%	33,1%	33%	30%	-3,4
UE	20%	13,8%	20,5%	15,7%	19,9%	14,8%	20,7%	16,5%	-1,9

Fonte: Eurostat

Sublinhe-se que os dados estatísticos disponibilizados sobre situações no mercado de trabalho consideram os diplomados no seu conjunto, sem diferenciar licenciados, mestres e doutores, assim como agrupam adultos de diferentes faixas etárias. Por essa razão, a análise de informação empírica que permita identificar particularidades dos três graus académicos, bem como caracterizar as trajetórias individuais nos anos que se seguem à obtenção desses diplomas,

assume uma relevância significativa. Trata-se de examinar em que medida a diferenciação sexual das situações profissionais emerge ainda no decorrer dos percursos estudantis e/ou no período imediatamente após a obtenção do diploma de ensino superior. Neste sentido, afigura-se relevante considerar o caso dos licenciados, mestres e doutores da Universidade Nova de Lisboa.

O caso dos diplomados da UNL

A apreciação do caso dos diplomados da Universidade Nova de Lisboa apoia-se numa exploração preliminar dos dados que vêm sendo recolhidos no âmbito do OBIPNova (Observatório da Inserção Profissional dos Diplomados da Universidade Nova de Lisboa), o qual envolve todas as nove unidades orgânicas desta universidade e foi criado por iniciativa da respectiva equipa reitoral em 2010. Desde o seu início, este observatório tem correspondido à necessidade de produzir informação sobre inserção profissional de diplomados que seja: rigorosa (utilizando indicadores credíveis); representativa (trabalhando com reduzidas margens de erro); ampla e pormenorizada (extensível à generalidade das unidades orgânicas e cursos da UNL); padronizada (permitindo a comparabilidade interna na UNL, e externa com os dados nacionais e com os produzidos por outras escolas de ensino superior); atualizada (caracterizando a situação profissional dos diplomados de coortes recentes); evolutiva (acompanhando o percurso dos diplomados ao longo de períodos mais extensos).

Neste âmbito, o modelo metodológico do OBIPNova organiza os diplomados em três grupos de análise (licenciados, mestres e doutores), sendo aplicados anualmente questionários para caracterizar a situação profissional dos indivíduos que se diplomaram no ano anterior ao da inquirição. Apresentam-se, em seguida, resultados de uma leitura preliminar dos dados de momento disponíveis no OBIPNova, os quais são relativos às coortes de diplomados da Universidade Nova de Lisboa que terminaram os cursos em 2009/10, 2010/11, 2011/12 e 2012/13.

Em primeiro lugar, observe-se que as mulheres constituem o grupo maioritário nos três níveis de diplomas e nas quatro coortes consideradas (ver quadro 7). Em segundo lugar, note-se que em cada uma das coortes (com exceção apenas de 2011/12) é entre os doutorados que a presença feminina é mais expressiva quantitativamente, ou seja, mais mulheres do que homens têm vindo a obter o grau de doutor desde 2009/10. Tais resultados relativos à Universidade Nova de Lisboa

são convergentes com as tendências nacionais neste âmbito que referenciámos anteriormente, nomeadamente com a particularidade de, no nosso país, as mulheres serem maioritárias entre os doutorados.

Quadro 7. Percentagem de mulheres entre os licenciados, mestres e doutores da UNL

Coorte	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
Licenciados	56,6%	55,1%	57,6%	54,2%
Mestres	54,3%	55,3%	56,4%	58,4%
Doutores	57,3%	61,5%	52,9%	60,6%

Fonte: OBIPNova

Como aproximação à análise da opção por determinadas áreas disciplinares de estudo, consideramos a distribuição dos diplomados por unidade orgânica da Universidade Nova de Lisboa, observando-se que:

- no que respeita às licenciadas, a presença de mulheres é particularmente expressiva nas escolas de ciências sociais e humanas e de direito em qualquer uma das coortes consideradas, destacando-se também o seu número elevado numa escola da área de gestão da informação no caso das duas coortes mais recuadas (2009/10 e 2010/11);
- relativamente aos mestres, as mulheres são particularmente numerosas nas escolas das áreas de saúde e de ciências sociais e humanas;
- entre as doutoradas é particularmente elevado o número de mulheres numa escola da área de ciências (em qualquer uma das coortes), em escolas das áreas de saúde (em três coortes) e em escolas de ciências sociais e humanas (em duas coortes) e de gestão da informação (apenas numa coorte).

Noutros termos, os dados relativos à Universidade Nova de Lisboa indiciam que a presença de mulheres, enquanto estudantes de licenciatura e mestrado, é particularmente expressiva em cursos das áreas de ciências sociais e humanas e de saúde, o que é convergente com as tendências nacionais e internacionais anteriormente referenciadas. A particularidade identificada de, em Portugal, existirem mais mulheres em cursos da área de ciências, parece evidenciar-se, no

caso da Universidade Nova de Lisboa, ao nível dos doutoramentos. Contudo, tal não deve fazer esquecer a presença muito expressiva de mulheres entre os doutorados em ciências sociais e humanas e em saúde nesta universidade.

A análise de dados do OBIPNova tem vindo a revelar que as taxas de emprego se elevam com o grau académico e que a adequação entre formação académica e ocupação profissional também se eleva com o grau académico nas várias coortes já inquiridas (Alves, 2016). Assim sendo, é pertinente analisar a diferenciação sexual dos percursos de inserção profissional dos diplomados, explorando em que medida a opção de prolongar os estudos até ao doutoramento se articula com condições de emprego e trabalho mais difíceis para as mulheres licenciadas e mestres, por comparação com os diplomados homens. Uma outra hipótese interpretativa que importa explorar centra-se no modo como essa opção pode associar-se ao sucesso experienciado pelas raparigas ao longo dos seus percursos escolares, o que as levaria a optarem mais frequentemente pela continuidade de estudos até aos diplomas mais elevados na hierarquia escolar.

Conclusão

Em 1992, foi publicado em França um livro com o sugestivo título “Allez les filles¹” da autoria de Baudelot e Establet. Nesse livro argumenta-se que o século XX é marcado pela entrada massiva das mulheres na escola, o que foi entendido como um progresso muito significativo no que respeita à igualdade entre sexos. Neste contexto, os autores do livro consideravam que a variável sexo, depois da de origem social, constituía uma dimensão principal da arquitetura escolar e que no interior dos sistemas educativos se teria avançado mais rapidamente do que na sociedade civil no sentido da igualdade entre sexos (Lelievre, 1992).

No século XXI, tal como referimos anteriormente, essa progressão das mulheres colocou-as presentes, em maior número do que os homens, como alunas do ensino superior na generalidade dos países. Em Portugal, esta tendência de feminização do público estudantil é particularmente acentuada estendendo-se até ao nível de doutoramento, assim como é visível a respectiva presença em várias áreas disciplinares incluindo as geralmente tidas como preferencialmente masculinas.

¹ Pode ser traduzido como “Avancem as raparigas!”.

A evolução no decorrer do século XXI parece ter reconfigurado as assimetrias existentes, no sentido de um (re)equilíbrio da proporção de mulheres e homens no conjunto dos diplomados de ensino superior. Ou seja, a tendência nos anos mais recentes é para uma maior paridade entre os dois sexos, tendo deixado de se assistir a um reforço da posição majoritária das mulheres que estudam no ensino superior, sendo esta tendência visível nos planos nacional e internacional

No seu livro editado em 1992, Baudelot e Establet perspectivaram alguns efeitos da progressão escolar das raparigas, nomeadamente expressando inquietação sobre uma eventual subutilização da mão de obra feminina no futuro ou sobre um possível movimento de reivindicação de reconhecimento profissional por parte das mulheres que conduzisse ao questionamento dos quadros sociais tradicionais (Lelievre, 1992).

A observação da situação no século XXI revela que o crescimento do número de mulheres no ensino superior ocorreu num contexto de deterioração das oportunidades de emprego dos diplomados no plano internacional e em especial no nosso país. Assim, o crescimento do número de mulheres entre os estudantes e diplomados do ensino superior tem resultado num aumento do respectivo peso na população ativa que é particularmente acentuado em Portugal. Contudo, o desemprego de diplomados é mais frequente entre as mulheres, sobretudo no caso português, assim como estas estão mais frequentemente em ocupações não ajustadas ao nível de escolaridade superior e, também em maior número do que os homens, como empregadas temporárias (ou seja, em situações menos estabilizadas no mercado de trabalho).

Assim sendo, poderá existir efetivamente algum risco de subutilização da mão de obra feminina que importa averiguar, nomeadamente explorando as trajetórias de inserção profissional de diplomados logo após a conclusão da licenciatura, mestrado e doutoramento. Isto, porque os dados estatísticos sobre inserção no mercado de trabalho apresentados previamente se referem à totalidade da população adulta com ensino superior, não permitindo caracterizar as trajetórias escolares e profissionais dos diplomados mais jovens, nos quais se incluem a grande maioria das mulheres que concluíram o ensino superior. O desenvolvimento desta pista de análise poderá contribuir para avaliar em que medida se tem vindo a assistir a um reivindicação de reconhecimento profissional por parte das mulheres que questione os quadros sociais tradicionais, na linha das preocupações de Baudelot e Establet mencionadas por Lelievre (1992).

Finalmente, sublinhe-se que mais do que delinear sólidas conclusões, procurou-se neste texto contribuir para a identificação de hipóteses interpretativas e pistas de análise de dados a explorar no futuro, fundamentando a relevância de considerar a variável género no estudo dos percursos estudantis e de inserção profissional dos diplomados de ensino superior.

Bibliografia

- Almeida, Ana Nunes; Vieira, Maria Manuel (2006), *A Escola em Portugal*, Lisboa: edições do Instituto de Ciências Sociais.
- Alves, Mariana Gaio (2004), “Os diplomados de ensino superior: diferenciação sexual nos processos de inserção profissional”, *Revista Sociologia*, série I, vol. 14, pp. 227-251
- Alves, Mariana Gaio (2016), “Transições entre Educação e Trabalho: os diplomados da UNL antes e depois de Bolonha”, *Revista APSIOT*, ISSN 0871-4835, pp. 91-102
- Alves, Mariana Gaio; Korhonen, Vesa (2016), “Transitions and trajectories from higher education to work and back – A comparison between Finnish and Portuguese graduates”, *European Educational Research Journal*, first published on August 9, 2016 as doi:10.1177/1474904116661200
- Lelievre, Claude (1992), “Baudelot (Christian) et Establet (Roger). — Allez les filles !”, *Revue française de pédagogie*, volume 101, 1992. pp. 123-124;
http://www.persee.fr/doc/rfp_0556-7807_1992_num_101_1_2517_t1_0123_0000_1
- OECD (2016), *Education at a Glance 2016: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris.
<http://dx.doi.org/10.187/eag-2016-en>
- Planas-Coll, Jordi; Enciso-Ávila, Isabel-María (2014), “Los estudiantes que trabajan: tiene valor profesional el trabajo durante los estudios?”, *Revista Iberoamericana de Educación Superior*, núm. 12, vol. 5, pp. 23-45
- Vuorinen-Lampila, Päivi (2014); “Gender segregation in the employment of higher education graduates”, *Journal of Education and Work*, DOI: 10.1080/13639080.2014.934788